

B O ^Ê M I A
B O E M I A
P O E M A
P O E S I A
P O E M I A
P O E S I A
P O E M A
B O E M I A
P O E M I A

I

O sol sobre a cidade
Lança seu último olhar
Com um aceno de adeus.

A noite surge no bar
Com seu relógio dourado
De estrelinhas, sons e tons.

II

Parece tão sugestivo
Aquele cigarro aceso
Com dentes nos lábios rosados
E um olhar de serpente
Remetido via sensitiva
De uma mesa a outra.

III

A Noite senta no bar,
Pede uma gelada e
Começa a beber,
beber, beber...
Mas não há conselho que chegue
Nem quem lhe tire o copo.
A Noite está inflexível
E triste
E só...

IV

A garçonete – com outra gelada –
Usa uma blusinha de alça (sem sutiã)
Um cabelo castanho avermelhado,
Um batom sedução e
Uma mini-saia colada
Para agradar os clientes.

V

A Noite devora no bar
um tira-gosto salgado
mal temperado e cru:
entorna mais uma garrafa
e lambe nos lábios úmidos
um amargo líquido etílico.

VI

*“Você por aqui!
O amigo conseguiu
uma carta de alforria?”
“Hum! Para todos os efeitos
fui bater uma redonda
com a turma no clube.
Entendeu?”
“Fique tranquilo.”*

VII

A Noite arrota no bar
(como um trovão)
e tic do relógio dá tique
no tempo (tac).

VIII

“Tem-se que ser moderna. Eu se fosse você, Fulana, Fazia isto...” e o Fulano, do lado, ferve.

IX

A Noite dança no bar
Um bolero, uma salsa, um merengue,
Um shot, uma valsa, um rock-and-roll
Depois suada e cansada
Senta-se entre nuvens claras
Ouvindo uma MPB.

X

Uma mulher chora num canto
E outra lhe dá conselhos:
“... *presta atenção numa coisa:*
Homem pisa quando sabe
Que a mulher tá gostando dele.
Tu tem que fingir
que não gosta...
vai por mim!... ”

XI

A Noite observa no bar
que os olhos se lançam
olhares em retinas ébrias
por sobre os copos
que beijam lábios dormentes.

XII

Quem falará de amor
explicitamente,
sobre a mesa do bar
entre um copo e outro
entre uma cerveja e outra?
Talvez (não) seja preciso
Consultar as entrelinhas...

XIII

A Noite depara-se no bar
com um relógio hipnotizante
nu, na parede suja,
tocando ponteiros tontos,
E fica olhando espantada
a nudez incansável
que move os ponteiros
por vezes repetidas vezes
repetidas hipnóticas...

XIV

Um infido amigo
Depois de um gole,
Faz um gesto e
Solta um sorriso breve e
Podre de falsidade.
O outro que ouve
Revolve uns trapos recentes
Entre muitos outros em
Meio às traças de um
Baú de lembranças:
*“Ela me disse que
havia bebido muito
e ele também. Pintô
o clima. Não deu
pra controlar. Rolô.”*
Fica puto,
Esbraveja e sai.

XV

A Noite vomita no bar,
Depois de tanto beber,
E o relógio devora o tempo
L e n t a m e n t e
Pouco a pouco há horas.

XVI

*“Sai com aquela menina ali,
chegando de moto.
Cara, mas é boa.
A gente fez isto assim...
Tá vendo que a mulher
Lá em casa não topa
Um negócio desse.”*
E o outro responde:
“É uma base.”

XVII

A Noite ressurge no bar
Atônita, trôpega e tonta
Com seu vestido de lua
Com pernas de vara verde
E olhos enrubrecidos

XVIII

A rua, em frente,
escura, porém pálida,
adormece asfáltica.
De repente: um carro
rasga o silêncio do asfalto,
pneus cantam ao longe,
gritam os vidros num poste,
geme a cara no volante exangue
e resta um tom fúnebre
na buzina chorando
pela madrugada a dentro.

XIX

Enquanto o relógio lento
Tange as estrelas que brilham
No toldo azul-marinho
Que nos cobre,
A noite boceja no bar,
Abre uma boca de escuridão
E seus olhos incandescentes
Marejam orvalhos pluvios.

XX

A conta é paga com cheque,
Mas não importa o valor,
Pois a noite esta ganha,
Os problemas esquecidos
E a solidão vencida.
Abre a porta do carro
Com o peito estufado de orgulho
Se sentindo mais macho
E querendo que todos o vejam
E fiquem morrendo de inveja.

Entra no carro e sorri
Pensando no que certamente
Ouvirá na manhã seguinte.

XXI

A Noite adormece no bar
Amarrotada, assanhada e triste
Debruçada sobre a mesa;
O vento lhe faz um afago
E o tempo, no relógio, lhe acalenta
Com sua eterna cantiga de ninar:
Tic tac

Tic tac
Tic tac